

Cultura!



FAMÍLIA, AMOR, POESIA: LUZ DO MUNDO

Nesta edição especial de maio, mês das mães e aniversário de Fernandópolis, quem ganha o presente é você, leitor, leitora do *Cultura!*. São poemas e crônicas de nossos artistas, artesãos da palavra. Aprecie sem moderação.

Dienifer A. Silvestre

Estreia no caderno com os poemas *Família* e *Saudade*
Pág. D2

Eliana Jacob Almeida

Dois textos deliciosos da mais célebre cronista da cidade
Pág. D3

Antônio Carlos Policer

Criatividade moderna e sem limites em *Ofício criativo*, *E-poem* e *Labor*
Pág. D4



Poesia

Dienifer A. Silvestre
estrea no caderno com os
poemas *Família e Saudade*

DIENIFER A. SILVESTRE**FAMÍLIA**

De dentro da casa, para o coração
De um momento triste, para outro de emoção,
Não há uma receita mágica ou pessoas treinadas
São seres, cada um com suas diferenças respeitadas
A união nos eleva e a esperança nos conserva,
É um abraço amigo ou um conselho reserva.

Somos base do amor e nele o conjunto
Não me tem a distância, pois mesmo longe estamos juntos
E mesmo que vocês aqui, e eu em uma ilha
Nunca deixarei de ser parte dessa família
Como as estrelas no céu ou a areia do mar
A grandeza do que sentimos não dá pra se contar

Não importa a ilusão ou o dia mau
A família representa o conforto e o amor incondicional
Sei que às vezes nos “ranhetamos” sem motivo algum
Mas doce é a reconciliação que nos causa bem comum.

De vento ao contentamento, enfim, somos assim
Família bela, do jeito dela, transformando em um novo
Começo tudo o que parecia ser o fim.

SAUDADE

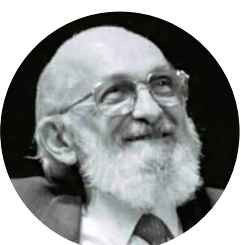
A distância me impede a sua permanência
E nossos sentimentos são uma evidência
Nada me agrega essa falta de você
Desta dolorosa carência estou à mercê

Sinto-me arrebatado pelo desespero
Divido-me ao meio, não sou mais inteiro
Era coberto de segurança e orgulho
Hoje me sinto vazio em meio a tantos muros

Suas escolhas te levaram para longe
As incontidas lágrimas meu rosto tange
Se me permite sincero ser
Nunca consegui seus motivos entender
Mas me conformo em habitar no sofrer.

*

DIENIFER A. SILVESTRE
É GRADUADA EM PEDAGOGIA
E GRADUANDA EM ARTES
VISUAIS PELA UNIJALES

**Palavra**

“Seria uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica. (...) Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor.”

PAULO FREIRE

NASCIDO EM RECIFE (PE), EM 1921, O EDUCADOR, PEDAGOGO E FILÓSOFO BRASILEIRO, CONSIDERADO UM DOS PENSADORES MAIS NOTÁVEIS NA HISTÓRIA DA PEDAGOGIA MUNDIAL, MORREU EM SÃO PAULO (SP), EM 1997.



Cultura! é uma publicação do jornal O Extra.net, concebida por O. A. Secatto com o apoio da Confraria da Crônica.

EXPEDIENTE
EDITOR: **O. A. SECATTO**
COLABORADORES: **GIL PIVA,**
JOÃO LEONEL, ZÉ RENATO E
JACQUELINE PAGGIORO
DIAGRAMAÇÃO: **ALISSON CARVALHO**

Crônica

“Acredito que comigo não foi diferente, acho que com a maioria das pessoas foi assim. Somos educados e educamos pensando no julgamento alheio”

MEDO DOS OUTROS

ELIANA JACOB ALMEIDA

Em uma bela crônica chamada *O que os outros vão pensar?*, Martha Medeiros declara que, quando criança, não tinha medo de bicho-papão, mula-sem-cabeça ou de bruxa malvada. Quem a amedrontava era outro tipo de monstro. Eles atacavam em bando; chamavam-se “Os Outros”.

Conta a cronista que sua mãe a educou sob o olhar severo dos “Outros”; em várias situações, eles apareciam: “Você vai sair com a calça furada?... O que os outros vão pensar?” “Não vai dormir na casa do namorado, não! Não quero seu nome na boca dos outros!” E por aí vai!

Acredito que comigo não foi diferente, acho que com a maioria das pessoas foi assim. Somos educados e educamos pensando no julgamento alheio, principalmente porque a família é uma referência narcísica; quando os filhos se saem bem, de alguma forma, dividimos o mérito — afinal, fizemos bem nossa tarefa!

Mas quem são “os outros”, tão importantes em nossa vida? Aqueles que nos vêm

à mente quando escolhemos uma roupa para sair, um sapato... Aqueles de quem nos lembramos quando sufocamos um palavrão em público, dos quais escondemos nossos defeitos e para os quais jamais (jamais!) confessamos uma fraqueza?

Ficamos tentando identificar imagens, procuramos rostos conhecidos e nada! Na verdade, esses “outros” compõem um olhar social, abstrato, não têm uma identidade. A despeito disso, esse monstro nos persegue, nos ameaça e nos fragiliza. É pensando nele que fazemos dieta, cuidamos das unhas, do cabelo, passamos perfume e nos comportamos adequadamente. É para o outro que fazemos a foto em frente ao espelho ou em uma bela paisagem; é para mostrar para os outros. Às vezes, trata-se de um desconhecido perigoso: “Não caia na conversa dos outros”; “Não beba nada oferecido pelos outros”; “Não entre no carro dos outros”.

É claro que, vivendo em sociedade, é de extrema importância pensar nos “outros”. Nisso nossas mães acertaram: “Não coma toda a ‘mistura’; pense nos outros”; “Não seja egoísta: empreste..., divida..., compareça às festas e ao velório dos outros”. “Olha o trânsito; respeite a vaga dos outros”;



“Não cole dos outros”; “Não ponha a culpa nos outros”; “Não debruce dos outros”, “Cuide bem das coisas dos outros”; “Não fale mal dos outros”.

Não tem jeito, os outros nos assustam, mas também nos orientam a viver melhor

em sociedade. Não há como omiti-los. Neste momento estou aqui, quebrando a cabeça para escrever este texto, porque sei que amanhã esta crônica vai ser lida pelos “outros”.

Meu Deus!... Será que os outros vão gostar?

—••—
“Mas quem são ‘os outros’, tão importantes em nossa vida? Aqueles que nos vêm à mente quando escolhemos uma roupa...”
 —••—

Crônica

“O bom mesmo é quando nos lembramos de que temos alma. Sinto isso após um encontro com meus familiares — uma festa ou simplesmente um almoço de domingo”

CORPO E ALMA

ELIANA JACOB ALMEIDA

Quando nosso organismo está funcionando normalmente, sem problemas, mal nos lembramos de cada membro, de cada órgão. Passamos o dia, a semana, às vezes meses sem nos lembrarmos de que temos um corpo. Somente quando uma “peça” dá defeito é que nos vem a ideia de que ela faz parte de uma “máquina”.

Pois bem, tenho me lembrado com muita frequência de que tenho corpo. Por ter iniciado uma atividade física diferente há poucos meses, saio de toda aula com dores nos músculos. E como tenho feito muitas peças de mosaico, meu ombro e meu braço direito doem porque o torquês (alicate) que uso é muito pesado. Nessa atividade ainda castigo meus ouvidos, pois o barulho da quebra das pastilhas de vidro é muito estridente; a aguardar, a cola e a cera não me deixam esquecer de que tenho nariz.

O poeta barroco Gregório de Matos, em um poema cultista, diz: “O todo sem a parte não é



—••—
“Quando saio da bagunça para descansar, não sinto calor nem frio, nem fome, nem sede, nem sono, nada!”
 —••—

O bom mesmo é quando nos lembramos de que temos alma. Sinto isso após um encontro com meus familiares — uma festa ou simplesmente um almoço de domingo. Quando saio da bagunça para descansar, não sinto calor nem frio, nem fome, nem sede, nem sono, nada! Nesse momento, esqueço-me completamente de que tenho um corpo;

gado por um dia inteiro, e se um dente resolve se revoltar, então, é só ele que existe em mim.

sou apenas alma. Às vezes, em uma viagem tranquila ou depois de realizar um belo trabalho, ou ainda, depois de ver um bom filme também me vem essa sensação.

Na minha idade, acho que será cada vez mais frequente as partes do meu corpo darem sinal de vida; é inevitável. Mas vou começar a me preocupar mais com tudo que me faça lembrar de que tenho alma porque, além de me fazer abandonar a ideia de que a “máquina” está enferrujando, são essas experiências que realmente enriquecem minha vida.

Nesse instante, começo a me lembrar de que tenho olhos, coluna e pulso. Está na hora de encerrar.

*
ELIANA JACOB ALMEIDA, PROFESSORA, ESCRITORA E DIRETORA-PROPRIETÁRIA DA ESCOLA EM BOM PORTUGUÊS, É AUTORA DE “ENQUANTO É TEMPO”, “MANUAL DE REDAÇÃO NOTA 1000 PARA O ENEM” E “A FAMÍLIA-MOSAICO DE CAIO E LUÍSA”. ESCRIVE CRÔNICAS PARA JORNAIS E REVISTAS DESDE 2003

Poesia

Antônio Carlos Policer novamente brinda o caderno com sua poesia

ANTÔNIO CARLOS POLICER

OFÍCIO CRIATIVO

Capta, súbito, o néctar
 tátil
 volúvel
 volátil
 fútil, factível, fértil

transborda/transforma/transgride
 translúcido
 lúdico
 trans-a

derrama
 a rama
 a grama
 que brota, bruta
 abrupto líquen-líquor

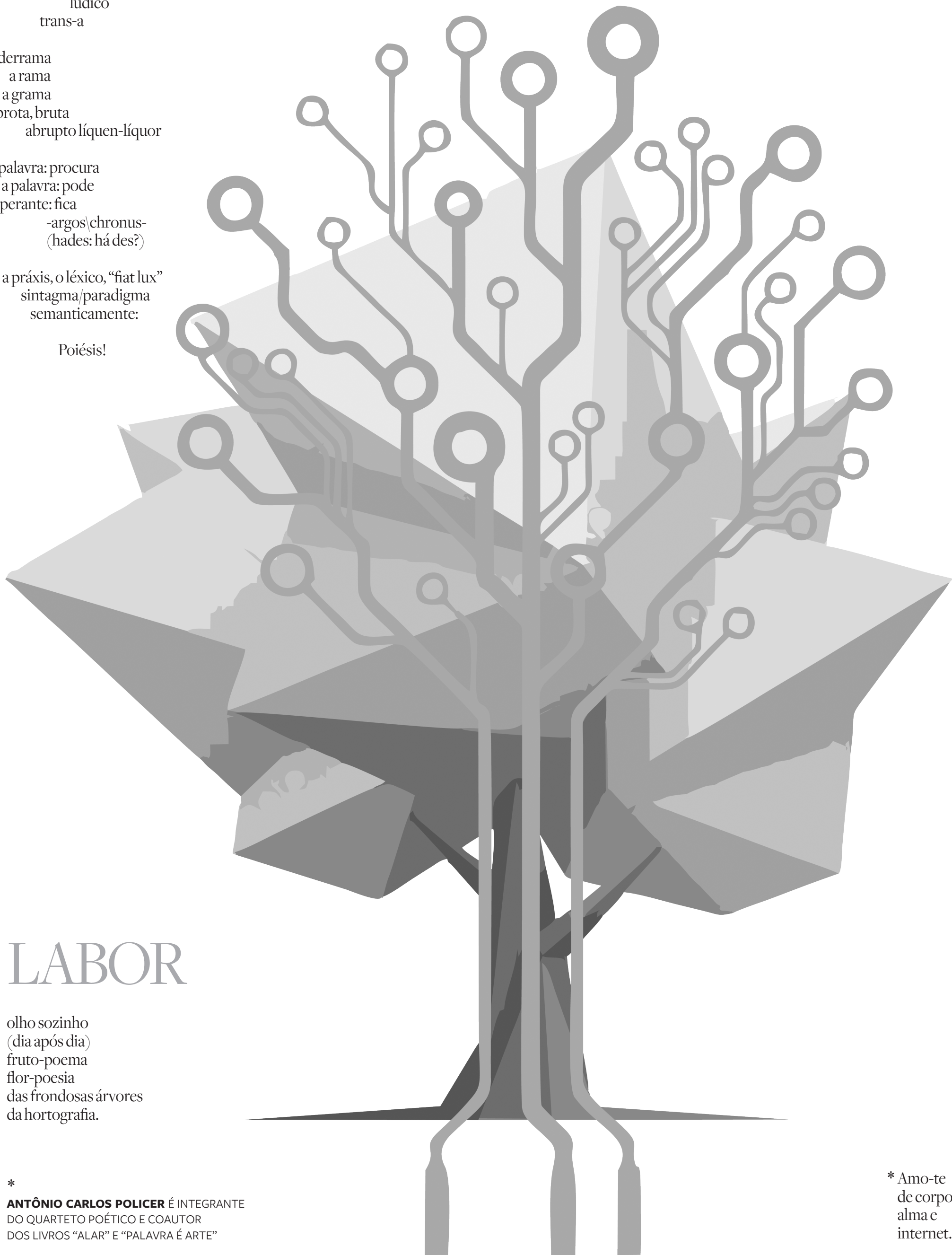
pela palavra: procura
 pega a palavra: pode
 para perante: fica
 -argos\chronus-
 (hades: há des?)

a práxis, o léxico, "fiat lux"
 sintagma/paradigma
 semanticamente:

Poiésis!

E-POEM

O 1000001 01101101 01101111 00101101
 01110100 01100101 00001010 01100100
 01100101 00100000 01100011 01101111
 01110010 01110000 01101111 00001010
 01100001 01101100 01101101 01100001
 00001010 01100101 00100000 01101001
 01101110 01110100 01100101 01110010
 01101110 01100101 01110100 00101110*



LABOR

Colho sozinho
 (dia após dia)
 fruto-poema
 flor-poesia
 das frondosas árvores
 da hortografia.

*
ANTÔNIO CARLOS POLICER É INTEGRANTE DO QUARTETO POÉTICO E COAUTOR DOS LIVROS "ALAR" E "PALAVRA É ARTE"

* Amo-te de corpo alma e internet.